



T 3142

72

José Augusto Nunes Bragança de Miranda
Assistente estagiário da Disciplina de
Sociologia da Comunicação Social

Lição

"Desvio, Identidade e mass media"



Departamento de Comunicação Social
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

1984

25474

O presente relatório constitui a prova de competência pedagógica a apresentar no concurso para Assistente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ÍNDICE

	Pág.
1. Lição	1
2. Programa de "Sociologia de Comunicação Social"....	56
3. Bibliografia	61

"Wir kämpfen mit der Sprache.

Wir stehen im Kampf mit der
Sprache". (1)

Wittgenstein (1931)

I. A sociologia e o simbólico: estratégias de inversão das políticas de identidade

A problemática do desvio é demasiado complexa para se poder analisar segundo uma espécie de história natural das paixões e das transgressões das ordens que as contêm, dotando-as de uma estabilidade e repetibilidade onde se assinalaria a marca do social. Isso implicaria que o "social" definido como Poder se acrescentaria ao selvagismo mudo das paixões, não interessando de momento saber se trataria de paixões "negativas" ou "positivas", segundo uma axiologia de instrumentação das "paixões" tão característica da modernidade, como se pode observar na obra de um Fourier. Tal mudez, seja mesmo um gesto antes da palavra, é muito problemática ao nível da experiência social, remetendo para uma "origem" que, hoje, depois da desconstrução da metafísica dificilmente se pode aceitar. Com efeito, falar de desvio implica de imediato a consciência de isso não é possível sem

.....

(1) - Utilizei a tradução inglesa das Vermischeten Bemerkungen de Wittgenstein editadas por G. von Wright. Cf. Culture and Value, Basil Blackwell, Oxford, 1980, edição Bilingue. A passagem em exergo é bem sintomática das dificuldades que a língua põe à transposição, à tradução, limitando-me aqui a transcrever a versão inglesa: "We are struggling with language. We are engaged in a struggle with language", op. cit., p. 11.

uma relação a linguagem, com a sua específica simbolicidade, ou seja, naquilo que ela tem de possibilitadora de constituição da experiência.

Todavia, quando se fala de linguagem corre-se o risco de fechamento dentro de uma abstração debilitante, se não se distinguir rigorosamente algumas das suas modalidades mais ou menos impossíveis entre si. Com efeito, a utilização de termos como "ideologia", "discurso" ou "imaginário" não é inocente, implicando estratégias de desconstrução diferenciadas, com efeitos não menos distintos: teóricos, mas também políticos. É que não é possível evitar um princípio de decisão último que, portanto, é primeiro, por ser prévio ao desenvolvimento das diversas configurações discursivas. Aliás, a multiplicidade dos jogos de linguagens, teorizada por Wittgenstein, pode ser compreendida pela figura que uma diagramatização específica introduz na linguagem, sendo a inpossibilidade referida, ou nas palavras de Lyotard, o diferendo, entre tais figuras ou jogos de linguagem, antes de mais uma incoincidência conflitual, mais ou menos latente, entre diversas diagramáticas.

Para entrarmos na análise do desvio e sua refração/ /construção nos media devemos partir da seguinte hipótese: o desvio não existe tout court, não é um fenómeno já dado objectivamente. O desvio é de natureza relacional, cuja estrutura está na base de um campo problemático onde se opõe o desvio vs. a ordem, o normal vs. o anormal (outras dicotomias seriam possíveis, na medida em que se relevam do funcionamento do princípio da Identidade). A natureza dicotómica desse campo não deve surpreender, já que nesse campo todas as dicotomias se entretecem no funcionamento tecnopolítico do Princípio da Identidade. Assim, enquanto nos media tal princípio se apoia num comunicacionalismo que identifica a emissão e a

recepção com um dado regime discursivo, no socius as práticas da actualização do desvio são inseparáveis de uma mística do consenso que, não por acaso, acompanha a emergência da modernidade ao nível das transformações da relação entre a Palavra e o Poder. O princípio da Identidade referido equivale ao imaginário do esbatimento das diferenças na comunicação (anulando o seu carácter dialógico), e na comunidade do socius (anulando o seu carácter conflitual), fazendo convergir o discurso e o socius para um referente mítico: o de uma communitas reconciliada.

Nesta breve introdução, ficam lançados os dados do problema que nos vai ocupar nesta Lição: contra as noções abstratas e naturalizantes, biológicas do desvio, não se procurará contrapor um empirismo dos factos, nem mesmo um historicismo da produção histórico-social do desvio, mas antes se desenvolverão as consequências da seguinte tese: cada época recria de uma forma problemática todas as anteriores, e as suas produções, não só na parte institucional, mas fundamentalmente na idealidade do Discurso, e nas suas virtualidade de realização do princípio da Identidade. Aliás, é esta idealidade do Discurso que possibilita as estratégias de Identidade e não o contrário. O centramento desta análise sobre os media lançará luz adicional sobre esta questão.

Entre discurso e experiência não há oposição pura e simples, mas antes uma série de relações possíveis em que essa oposição é apenas um caso particular. Se aceitarmos, mesmo provisoriamente, trabalhar com estes dois termos, outras possibilidades combinatórias são pensáveis, como seja 1) - a predominância do discurso sobre a experiência, 2) - a dominância da experiência

sobre o discurso, e 3) - o relacionamento pragmático de discurso e experiência. Esta última possibilidade procura pensar ambos os termos a partir dos efeitos múltiplos que entre eles se estabelecem, e originam. Como veremos, este relacionamento pragmático, que revela de uma performatividade interna, tem sido analisado através do conceito de "eficácia simbólica" centrado fundamentalmente sobre os efeitos exteriores do discurso sobre a acção.

Toda a acção, seja de conflito ou de consenso, desenrola-se sempre dentro de uma dada estruturação de sentido que serve de elemento de re-ordenação da troca de enunciados e actos concretos, que no acto de enunciação actualizam uma dada estrutura de sentido, e não outra, virtualmente possível. É o carácter quase-rígido dessa estrutura que constitui o horizonte de ordem de toda a acção previsível, que é indissociável da sua unificação em mitos e narrativas de legitimação, em torno dos quais - da sua definição e redefinição -, se desenrolam conflitos que são o melhor índice de omnipresença da linguagem (do Discurso) na experiência.

(2)

.....

(2) - A questão do sentido da experiência não se pode reduzir meramente à dimensão semântica da linguagem, como a filosofia de indole analítica tende a considerar sendo inseparável de uma visão performativa do discurso na experiência. O que não deve ser entendido como a defesa de um sentido bem determinado empiricamente, em que "experience serves as evidence for judgements concerning meaning", como considera D. Fllesdal no seu ensaio "Meaning and Experience" incluído no livro Mind and Language, ed. por S. Guttenplan, Oxford University Press, 1975, pp. 25-44.

O erro de estruturalismo e da semiologia banalizados, advém dessa separação, que é mais fácil de denunciar que de superar. Para isso seria preciso desenvolver um paradigma comunicacional de índole pragmática, suficientemente subtil para superar a falsa empiricidade dos seus elementos, e que conseguisse obviar o seu aproveitamento mítico pelo discurso contemporâneo, organizando de um outro modo a reflexão sobre as instâncias de enunciação e as de recepção, bem como ao nível da expressão - a sua materialidade significativa. Com efeito, falar de "paradigma comunicacional" presta-se a confusões, talvez inevitáveis, mas que não devem impedir a análise. O mero facto de ser evidente de que não estamos diante de um modelo único, pretensamente científico e neutro, mas que outros "modelos" não menos pertinentes podem ser apresentados, essa proliferação de modelos é a melhor prova de que o paradigma comunicacional faz parte de uma situação complexa, cujo sentido não pode ser analisado dentro de um modelo dominante, seja instrumental, ou crítico (que privilegiam os aspectos da produção). Mesmo o modelo hoje bastante influente da escola de Constança (a "teoria da recepção") é insatisfatório, embora traga à luz um elemento menosprezado dentro do espaço paradigmático da comunicação - o leitor, o receptor. Com efeito, a dominância da interpretação como "apreendedora" de uma dada experiência, não consegue restituir o que a torna única e irrepetível - o seu carácter de Acontecimento. A unicidade da(s) experiência(s) não implica que não haja uma estruturação quase-rígida do paradigma. Importa mencionar neste contexto a analítica de Lyotard - em Le Différend - construída em torno de "instâncias" relacionais, que ganham figuras diferentes em cada novo jogo de linguagens, ou universo possível. Nesta nova concepção "le destinateur et le destinataire

sont des instances, marquées ou non, présentées par une phrase. Celle-ci n'est pas un message passant d'un destinataire à un destinataire tous deux indépendants d'elle. Ceux-ci sont situés dans l'univers qu'elle présente, tout comme son référent et son sens". (3). E mais adiante: "ces univers sont constitués par les situations des instances (non seulement le sens, mais le référent, le destinataire, le destinataire) et par leurs relations". (4).

Para além do que há de problemático em usar a linguagem de comunicação, não há dúvida que o seu carácter dialógico e dinâmico vai operar importantes transformações na análise do simbólico, enquanto trabalho de significância e isso seja essa linguagem usada explicitamente ou implicitamente. Este é um facto bem desenvolvido por Claude Lévi-Strauss na sua análise de obra de Mauss, que postula a natureza simbólica do socius, à imagem da linguagem, acentuando que "o significante precede e determina o significado" (5), constituindo uma "raison supplémentaire" (sic). Esta é uma espécie de reserva simbólica que ele denomina "significante flutuante" (6), que é a condição de possibilidade da cristalização e da transformação de sentido da experiência. Daí que não se possa separar a experiência da linguagem, já que a simbolicidade é prévia, sendo sempre

.....

(3) - Lyotard, Jean-François: Le Différend, Paris, Minuit, 1984, p. 27.

(4) - Lyotard, Jean-François: *ibidem*, pp. 80-81.

(5) - Lévi-Strauss, Claude: "Introdução à obra de Marcel Mauss" in Estruturalismo - antologia de textos teóricos, org. E. Prado Coelho, Lisboa, Portugal, 1967, p. 170.

(6) - Lévi-Strauss, Claude: *ibidem*, p. 188.

produtiva. Num conhecido ensaio Lévi-Strauss define a eficácia simbólica como " 'a propriedade indutora' que possuiriam umas em relação às outras, estruturas formalmente homólogas, podendo edificar-se, com materiais diferentes, nos diferentes estratos do vivo: processos orgânicos, psiquismo inconsciente, pensamento reflexivo". (7) . Trata-se, portanto, de um trabalho diferido que atravessa diferentes dimensões significantes, mas cuja efectividade depende da função simbólica do "inconsciente humano". Mas não será tal "eficácia" simbólica ilusória, por ser apenas a actualização de algo que é dado de forma universal - o "espírito humano", o "inconsciente"?

Não tem cabimento aprofundar aqui este problema, interessando deixar indicado o que o constitui enquanto problema: o facto de não haver trabalho de significância exterior, à linguagem, à simbolicidade.

Quando se fala de eficácia simbólica o que se afirma de algum modo é que a simbolicidade não é uma mera superestrutura mais ou menos etérea, uma "matéria subtil", mas sim que exerce trabalho sobre o estado das coisas, impedindo a sua estabilização forçada socialmente - por uma dada estruturação de sentido do socius. O que é uma outra forma de recusar um determinismo do estado de coisas, cujo único movimento possível seria sempre dentro de "calhas" - o erro da ilusão dos que afirmam que a história está "encalhada", confundindo as narrativas com o Acontecimento sempre cruelmente inesperado.

O simbólico é portanto dotado de consistência, exercendo uma certa pressão sobre o socius, constituindo-

.....

(7) - Lévi-Strauss, Claude: "A eficácia simbólica" in Antropologia Estrutural I, Ed. Tempo Brasileiro, p. .

-o como mundo - um cosmos bem ordenado, mas é também ele que introduz o caos da diferença selvagem nesse cosmos. É através do discurso que tanto a conflitualidade como a negação do conflito se expressam, obrigando o real a passar pela expressão - o que é diferente de expressar-se. Com efeito, mais do que expressar-se algo de inominado - o acontecimento - o real acede a nomes dentro de determinadas estratégias cujo sentido advém da instauração de um espaço de sentido - de funcionamento automático e maquínico. Ora, esse espaço de sentido é um trabalho de criação de (uma) Identidade (a do sentido), que se liga ao funcionamento instrumental da linguagem nas máquinas do socius.

O discurso é portanto inseparável de tal instauração, exercendo um duplo trabalho: 1) - retórico de persuasão interna, 2) - polemológico de exclusão para o exterior do que não cabe nesse espaço-de-sentido. No caso limite, como veremos, pode ocorrer uma codificação absoluta em torno de regras rígidas e bem definidas, que tende a estabelecer as diferenças entre o discurso e a acção rigorosamente determinada pelas regras classificatórias. (8).

Comum aos dois processos, é que ambos os trabalhos de finalização, fazem apelo a mitos fundadores (a que Lyotard chama "métarécits"), que servem de pontos de

.....

(8) - Convém distinguir entre identidade concreta (figurações mais ou menos explícitas e com contornos claros) e Identidade - nível abstrato onde assentam estratégias de base da communitas.

acumulação das práticas, de modo a fazê-las convergir. Como diz Pierre Ansart, trata-se de "transformar as práticas dispersas em práticas orientadas, fazendo assim a economia dos desvios e aumentando as mais-valias de energia" (9). Mas se ambas tem o mesmo efeito para que distingui-las? Desde o ponto de vista da criação de um dado espaço a distinção entre identidades concretas e estratégia de Identidade não é pertinente, mas já não sucede o mesmo de um ponto de vista crítico que, necessariamente tem de se colocar a um outro nível que o de um campo particular. A própria questão do desvio obriga a isso, pois se se percebe facilmente a nomeação social em torno dos "hippies", da "homossexualidade", do "crime" ou dos "artistas marginais", já é mais difícil compreender a reunificação de todas estas "práticas" no nome de "desvio", que releva de uma outra lógica - a da identidade abstrata. Mas é evidente que deverá ser explicada a possibilidade de uma estratégia de Identidade que atravessa diversos espaços sociais, sem se resumir a nenhum deles. É também a partir de tal lógica que se terá de pensar a possibilidade de resistência, que varia de situação para situação.

Tudo se passa, como se através de procedimentos institucionais específicos - o trabalho instrumental do social - o discurso se dotasse de estrutura espacialidade que ao mesmo tempo procura denegar, ao apresentar-se como universal, isto é, como dizendo respeito ao interesse de todos que ganhariam expressão precisamente nesse espaço. Mas como analisar então os discursos que relevam do funcionamento pragmático-comunicacional desse

.....

(9) - Ansart, Pierre: "Ideologias, conflitos e Poder"
Rio, Zahar, 1978, p. 219.

espaço, estruturado segundo uma clivagem fundamental - dominantes versus dominados -, como se devesse à co-presença de todos os elementos dentro de uma identidade simbólica das práticas, que vimos ser antes a marca de uma ilusão - uma "reificação" de um estado de discurso - que se constitui na rede de finalidade desse campo: o seu sentido? (10).

.....

- (10) - Para além de uma nova definição do discurso, coloca-se de imediato a questão de um método de análise do discurso, que pode ser pensado a partir da obra de Michel Foucault, nomeadamente na "archeologie du savoir" e em "l'ordre du discours". Trata-se de desenvolver as consequências epistemológicas da hipótese Foucaultiana de que "dans toute société la production du discours est à la fois contrôlée, sélectionnée, organisée et redistribuée par un certain nombre de procédures qui ont pour rôle d'en conjurer les pouvoirs et les dangers, d'en maîtriser l'événement aléatoire d'un esquivar la lourde, la redoutable matérialité". (L'ordre du discours, Paris, Gallimard, 1971, pp. 10-11).

No entanto, algumas cautelas impõem-se nomeadamente pela sua confusão entre Poder e violência. Daí a necessidade de uma reelaboração desta questão à luz do que se pode chamar a noção de "experiência complexa do desvio", que se dá a ver, dentro de uma estratégia de visibilidade/invisibilidade) no espaço público, nomeadamente na sua refração nos media.

A divisão dentro de um dado espaço-de-realização é fundamental a não ser no caso - limite onde todo o socius foi transformado num único espaço liso (11). É a própria multiplicidade de campos - "multiplicidade" que é a marca da presença da temporalidade - que leva ao confronto discursivo em torno de uma estratégia da identidade (uma unidade imaginária). Desde que mais do que o "discurso" ou a "linguagem" haja uma situação de diferendo (ou mesmo só de litígio) a sua pragmática tecnopolítica implica necessariamente uma desvalorização de todos os outros discursos, sejam, ou não, próximos ou "familiares", pois o seu mero posicionamento possibilita um renovamento da distribuição de forças em conflito pela administração do espaço social em causa (12).

.....

(11) - Cf. Deleuze, Gilles e Guattari, Félix: Mille Plateaux, Paris, Minuit, 1980, p. 273.

(12) - A noção de realização de um princípio abstrato, é pensada através do conceito de Verwirklichung do T.W. Adorno. Cf. o comentário de Hans-Günter Holl: "Émigration dans l'immanence" in La dialéctique négative des Adorno, Paris, Payot, 1978, p. 330. Só por si tal conceito mereceria um estudo separado, afigurando-se fundamental para a actual reflexão sobre a Sociologia, onde, não por acaso o conceito de campo de Pierre Bourdieu vem assumindo importância crescente. Sobre esta questão consultar o ensaio de Bourdieu "Quelques propriétés des champs" in Questions de Sociologie, Paris, Minuit, 1980, pp. 113-120.

É que toda a dimensão, embora aparentemente exterior, implica uma luta permanente em torno das identidades concretas, pela produção dos seus contornos - num deslocar interno da fronteira de partilha interior/exterior a esse espaço. A mera diferença torna-se assim crítica - factor de crise - pois torna fluída a solução final da imposição da identidade (o que não quer dizer que estejamos diante de um discurso crítico ou epistemológico, mas antes do ocupar a função crítica dentro de um dado espaço). Essa fluidez, sinal do movimento de produção, mostra à superfície do discurso (a única pública) uma incoerência do sentido, fatalmente crítica pois permite os pedidos de justificação de legitimidade, centradas sobre a arbitrariedade do "signo" do Poder. (13).

Todavia, enquanto discurso, é ainda uma exigência de identidade dotada de outra figura concreta que pode mesmo não ser assumida. Os contradiscursos podem - e na prática isso sucede frequentemente -, suspender a apresentação da nova figura, mas para isso têm de ficar

.....

- (13) - A legitimação constitui um problema fundamental, que não se pode confundir com a mera retórica de persuasão, nem com a legalidade instituída, mas com o facto de "Poder" enquanto violência suspensa, poder ser interrogado sobre os seus procedimentos, sendo "obrigado" a apresentar justificação pública. É um processo recente, que se liga ao problema da modernidade. Em duas perspectivas opostas, cf. Raison et légitimité de Habermas (Payot, 1978) e Legitimação pelo procedimento de Niklas Luhman (Ed. Universidade de Brasília, 1980.).

dependentes do espaço lógico aberto pelo discurso dominante, opondo-se-lhe como uma comunidade concreta. No caso dos discursos do desvio este fenómeno é importante, pois enquanto o discurso dominante nega as diferenças reais para estabelecer uma identidade imaginária, o contradiscurso procede a uma elaboração da legitimação das diferenças, ou da diferença pertinentes, que segue as modalidades do "estigma" (14) relevadas por Erving Goffman (ao "maldito negro" que o humanismo abole opõe-se o "black is beautiful" que dá uma outra resposta ao humanismo).

O discurso tende para a universalização através de um conjunto de procedimentos específicos, que se podem sintetizar em torno da problemática do fechamento. Com efeito, a estratégia da Identidade é inseparável de um efeito de universalização de figuras sociais concretas... Através desse efeito o discurso apresenta-se como a linguagem, transformando as diferenças em signos dessa linguagem. Através dessa operação as diferenças entram dentro de um processo de troca geral, através do qual se dá a integração universal das diferenças. Como diz Pierre Ansart, assegura-se assim "a inacessível totalização concreta pela totalização simbólica" (15) (ANSART, 1977, p. 231) (seria melhor chamar-lhe imaginária, já que a simbólica implica a presença da Lei e do Poder, o que constitui uma outra problemática).

.....

(14) - Cf. Goffman, Erving: Stigma, Pelican, 1968.

(15) - Ansart, Pierre: op. ult. cit. p. 231.

Nesta universalização operada pelo discurso, alguns autores detectam uma ocultação das diferenças, procedimento que indicaria uma falsidade intrínseca do discurso. É a isto que se chama habitualmente ideologia, noção a ser criticada porque perde de vista a multiplicidade dos discursos e o trabalho que operam, bem como a sua inintencionalidade essencial. É evidente que através do efeito de universalização se opera uma ocultação do que não cabe num dado espaço-de-realização do Discurso. Mas isso é característico da aparente plenitude da linguagem que funciona necessariamente pela negação - ou seja, o seu mero posicionamento positivo é sempre uma negação. Há aqui um elemento de "censurância" (16), que leva de uma forma sistemática à redução das diferenças e da multiplicidade da experiência social. Enquanto censurância a ocultação é antes um processo de neutralização - político portanto, quando visa a prática; e processo duplo: em relação àquilo que nega (ao estabelecer a regra identitária) e em relação àquilo que afirma (os axiomas que estão na base do seu código). Porém, tudo isto merece uma ressalva importante: mais do que uma relação da ideologia com o real que o termo "ocultação" explicaria, temos uma relação concreta dos discursos (e dos saberes) às estruturas de Poder, nomeadamente à mais fundamental nas sociedades modernas: a que depende da estrutura do espaço público.

.....

(16) - Desenvolvi algumas implicações deste conceito, na dissertação "Elementos para uma teoria da censura" (1984).

II. A reconstrução das linguagens sociológicas sobre o desvio

Desde sempre a sociologia se tem debruçado sobre "problemas" e "crises" sociais, o que não admira já que a sua constituição é inseparável da crise da Tradição das sociedades ocidentais, antes de mais europeias. A sua emergência como linguagem de análise impôs necessariamente todo uma série de procedimentos de objectivação que tem importância fundamental na constituição do seu "objecto" de análise, e isto tanto na corrente positivista como na compreensivista oriunda de um Max Weber. No caso do desvio isso evidencia-se bem através da maneira que pode ser negativa ou positiva, como o "desvio" é apresentado como um objecto "natural" ou "perverso" mas sempre naturalizado, i.e., independente da temporalidade e da experiência concreta. (17). Aliás, esta posição não é alterada pelo simples posicionamento político perante o "objecto". É o caso de Bronislav Geremek que resume a "marginalidade" do seguinte modo: "il marginale è il luogo degli esclusi della vita economica e dalla produzione/distribuzione: esclusi dal sistema di stratificazione sociale: fuori dalle caste, fuori da ogni status; esclusi della vita politica e dall'educazione, oppure anche esclusi da una chiesa. Tutti questi emarginati situati al di fuori delle istituzioni fanno pur sempre oggetto di un controllo esercitato nella maggior parte dei casi dallo stato" (18). Também neste caso

.....

- (17) - Note-se que com isto não préjulgamos nada acerca do problema da "objectividade" sociológica, que é um problema diferente, limitando-nos a referir um uso mítico do problema da "objectividade".
- (18) - Geremek, Bronislav: "Marginalità" in Enciclopedia Einaudi, p. 775.

extremo, postular a "realidade" do desvio é suficiente justificação das enunciações sobre o desvio, com tudo o que implica de separação entre experiência e linguagem, e mesmo entre discurso sábio e discurso político. No fundo a linguagem sociológica não se assume enquanto tal, legitimando a sua objectividade com uma dada communitas empírica (fenómeno que chamámos "ilusão do referente" e que abordaremos mais demoradamente ao tratarmos dos media).

Embora se trate de algo comum à emergência das ciências sociais, não quer dizer que não haja diferenças assinaláveis entre as diversas linguagens sociológicas, nomeadamente quando incidem sobre o desvio. Todavia a sua reconstrução não é fácil, observando-se quando muito uma actividade de teorização segundo uma doxologia de princípio de Identidade. (19). Seria preciso desconstruir as formações discursivas que se cris-

.....

- (19) - O conceito de "reconstrução nacional" deve-se a Carnap, sendo uma espécie de "segunda racionalização" nos dizeres de Wolfgang Stegmüller (Cf. Estructura y dinámica de las teorías, Barcelona, Ariel, 1983, p. 370). A fecundidade deste conceito tem feito as suas provas na teoria crítica de Habermas para quem "reconstructive procedures are also important for empirical-analytic research, for example, for explicating frameworks of basic concepts, for formalizing assumptions initially formulated in ordinary language, for clarifying deductive relations among particular hypotheses, for interpreting results of measurement and so on. Nonetheless, reconstructive procedures are not characteristic of sciences that develop nomological hypotheses about domains of observable events; rather, these procedures are characteristic of sciences that systematically reconstruct the intuitive knowledge of competent subjects" in Communication and evolution of society, Beacon Press, 1979, p. 8-9.

talizaram em torno desse princípio, de modo a apresentar uma teoria pragmática composta por dois eixos básicos: um relativo às instâncias comunicacionais (Jakobson/Lyotard) e o outro eixo relativo às dicotomias fundadoras do jogo de linguagem sociológico. Caso fosse suficientemente rigorosa, poderia esperar-se desta reconstrução a determinação dos principais modelos de análise do desvio.

Ora, não por acaso outra via tem sido seguida, a que se centra directamente sobre as chamadas "deviance sociology" classificando-as segundo algumas diferenças fundamentais. É o que faz Albert Cohen baseando-se numa abordagem historicista da sociologia que, como todas as abordagens desse género, são sempre a culminação de um movimento numa dada teoria. Assim, Cohen distingue três etapas distintas, a saber: a tradição da anomia, a tradição de Chicago e, finalmente, as escolas compreensivistas. Para além do evolucionismo referido interessa sintetizar brevemente esta classificação tripartida, a fim de dela retirarmos alguns traços fundamentais. Como é sabido o problema da anomia é de raiz durheimiana, sendo baseado na sua influente análise em "Le suicide" (1897). Esta é simultaneamente estrutural e comparativa. De acordo com Cohen "is concerned with explaining how variations in deviant behaviour within and between societies depend on social structure" (20). Parte-se, portanto, da noção de sistema, e com

.....

(20) - Cohen, Albert: "Deviant Behaviour" in International Enciclopedy of Social Sciences, p. 148-155.

postulado de que a sua estruturação específica permite prever os comportamentos desviantes através de critérios bem definidos. Daí a importância de conceitos como "grau de integração social" ou de "realização possível de expectativas". A anomia é então qualquer desregulação que afecte o poder das normas "sociais", mas como se depreende de imediato, a definição do que é "social" nas normas, bem como a determinação dos limiares que permitem distinguir entre ordem ou desordem, regulação ou desregulação, não é algo pacífica, e mesmo os desenvolvimentos posteriores advenientes na esteira de Robert Merton não fizeram mais do que especificar o âmbito de aplicação dos critérios referidos, sem nunca porem em causa os seus pressupostos iniciais. (21).

Explica-se assim que um posicionamento sensivelmente diferente tivesse de vir de uma outra perspectiva, como seja a aberta pela obra famosa de Thomas e Znaniecki The Polish Peasant (1918). O desvio já não é considerado de modo negativo, relativamente ao "sistema" global, mas antes como um padrão cultural que está na base de uma comunidade bem definida empiricamente. Os conceitos fundamentais são então os de socialização dentro de uma dada cultura, o que implica a valorização dos aspectos expressivos da acção social. Aliás, este elemento terá uma importância decisiva na constituição

.....

(21) - De Merton consultar "Estrutura Social e anomia", 6º Capítulo de Social Theory and Social Structure (trad. Brasileira Sociologia: Teoria e estrutura, Ed. Mestre Jou, 1970, pp. 203 - 234), onde prolonga a teoria durkheimiana da anomia.

da chamada "etnometodologia" e no interaccionismo simbólico, que é hoje uma das perspectivas dominantes nos Estados Unidos. (22). No resumo de Cohen esta perspectiva "emphasizes the learned nature of deviant behavior, the role of association with others and of cultural models, the role of symbolism attached to deviant behavior, and the gradual development, and commitment to, deviant behavior in a extended interaction process". (23).

Por fim, as teorias compreensivistas com Max Weber como pai fundador, procuram uma síntese das abordagens anteriores, procurando integrar a análise estrutural e sistémica com a abordagem interaccionista, dentro de uma teoria geral dos sistemas. É esta a posição de um Parsons, retomada por Cohen que, apesar de tudo está ciente da dificuldade de levar tal síntese a um ponto teoricamente satisfatório. Para Cohen "the reconciliation or integration of the conception of deviant behavior as a way of dealing with a problem of ends and means, on one hand, and as a way of communicating and validating a claim to a role, on the other has not been achieved". (24).

.....

(22) - Para uma visão de conjunto da problemática da etnometodologia Cf. The perspective of ethnomethodology de Douglas Benson e John A. Hughes, Longman, London, 1983.

(23) - Cohen, Albert: Cf. ult. cit., p. 152.

(24) - Cohen, Albert: op. cit., p. 152. Cohen desenvolve as suas posições que se podem caracterizar como relevando de interaccimismo simbólico, no seu mais conhecido: Deviance and Control (trad. Bras. Transgressão e controlo, Zahar, 1968). Deve-se à escola interaccionista uma análise exaustiva, na sua perspectiva, do "fenómeno" do desvio. Cf. Deviance: The interactionist Perspective, orgs. Earl Rubington e Martin S. Weinberg, Macmillan, 1968.

A análise não directamente paradigmática acaba por seguir sempre as grandes linhas de um movimento natural de constituição do problema do desvio, sendo sempre esperável encontrar a estrutura tripartida que Cohen utilizou. Como é evidente podiam-se acrescentar variantes infindas a este esquema, cada vez mais particulares, até coincidirem com o "estilo" ou a obra de um autor. Porém, isso não obviaria os perigos inerentes ao pressuposto básico que nenhum destes esquemas põe em causa: a naturalização sociologista do problema do desvio.

O que a sociologia reprime é o facto de antes de mais ser uma linguagem, especializada mas ainda linguagem. O sociologismo é o desconhecimento desse facto quando se debruça sobre o social. Daí que seja menos importante do que à primeira vista parece o facto de os diversos paradigmas sociológicos serem conflituivos ou consensualistas. O ocultamento da natureza do jogo de linguagem da sociologia é implacável para quem pretenda fazer sociologia sem atentar nos efeitos performativos dessa linguagem, precisamente pelo motivo desse jogo ser a metaparadigmática de todos os paradigmas, mesmo os mais atentos ao simbólico. No fundo é também o caso de Pierre Bourdieu, cuja obra, por muito radical que se pretenda, não deixa de estar na base da emergência daquilo a que Jacques Rancière chamou o "império do sociólogo". Este império aplica-se a Bourdieu mas não se resume a este, apontando antes para a constituição de uma linguagem geral - uma economia linguística - que constitui a enciclopédia das posições possíveis, práticas e teóricas, a todas destinando um lugar. Este destino é narrado segundo o estilo trágico de um forcejar dos indivíduos, e as classes, contra um Sistema infinitamente astucioso. Daí a introdução do sociólogo em posição de verdade,

introdução QUE É A ÚNICA FORMA DE quebrar a circularidade da linguagem sociológica crítica. As vítimas do sistema são também vitimadas pelo sociologismo, pois como afirma Rancière, neste posicionamento último da sociologia, os "dominados" "sont exclus parce qu'ils ne savent pas pourquoi ils sont exclus; et ils ne savent pourquoi ils sont exclus parce qu'ils sont exclus. La tautologie de la démonstration devient de la nécessité de la méconnaissance. Le sociologue s'instale dans la position de dénonciateur éternel d'un système doté de la capacité de se voiler éternellement à ses agents" (25). Aliás, o mesmo aplica-se mutatis mutandi aos autores do consenso, os "engenheiros sociais", cuja acção terapêutica é um momento da acção anunciada pela denúncia.

Com o sociologismo, o simbólico limita-se à repetição de um sentido já dado pela estrutura, ou a função que todas as práticas se limitam a repetir por "homologia" estrutural. Em relação à sociolinguística, por exemplo isso é evidente, afirmando Françoise Kerleroux que "Bordieu relativise les usages linguistiques (il n'y a pas une bonne façon de parler et des façons déviantes) et attribue l'hiérarchie de fait de ces parlars

.....

(25) - Rancière, Jacques: "L'éthique de la Sociologie" p. 28, in L'empire du Sociologue", ed. pelo Collectif "Révoltes logiques", Ed. La découverte, 1984, pp. 13-36.

à l'hiérarchie des parleurs" (26). A experiência social torna-se assim abstrata, sendo incapaz de dar a ver a concreticidade das figurações assumidas pelos fenômenos de desvio. (27).

.....

- (26) - Kerleroux, Françoise: "La langue passée aux probits et pertes", p. 55, in L'empire du sociologue, op. ult. cit., pp. 53-69. Não se deve depreender desta crítica qualquer ingenuidade da parte de Bourdieu, que explicitamente a recusa. Assim, na sua última obra sustenta que, "Ai-je besoin de dire que, ayant depuis longtemps dénoncé ce que j'appelle le fonctionnalisme du pire, avec la notion de habitus, le moyen de rendre raison de l'apparence de téléologie objective que procurent certains collectifs, je ne me reconnais aucunement dans des étiquettes, comme celles de "sociologisme", de "realisme totalitaire" ou de "hyperfonctionnalisme", qui me sont parfois appliquées?" (Cf. Homo academicus, Ed. Minuit, 1984, nota 14, pp. 194-195. O que ele não se interroga é sobre a possibilidade que a "sua" obra induz de lhe aplicar tais etiquetas. Essa possibilidade releva de uma dimensão intertextual da obra que ele ignora.
- (27) - O que não implica nenhuma desvalorização do "abstracto" mas sim a suspeita do funcionamento de um diagrama abstrato totalitário que destrói as multiplicidades concretas do socius.

III. A constituição do Princípio da Identidade no jogo das oposições

A crítica ao sociologismo implica uma dupla vertente de análise, com que iremos agora prosseguir. Por um lado será preciso analisar e desconstruir, os princípios que estão subjacentes ao discurso do desvio e, por outro lado, importará apontar os caminhos de uma investigação sobre o desvio como problema de sociologia da comunicação social, isto é, na relação do discurso aos media, e sua inscrição social.

A título de hipótese temos de colocar a seguinte crítica ao sociologismo: este deve-se ao que se deixa inquestionado ao funcionar como um programa de investigação de índole terapêutica ou tecnológica. Ora, o que se deixa inquestionado é a preeminência de um princípio da Identidade cujo não-tratamento torna ambíguos os modelos sociológicos, sejam mesmo os mais críticos.

De imediato se coloca a questão da identidade enquanto problema histórico. Poderemos dizer que este princípio emerge com o Iluminismo, a época a que Foucault denomina por "época clássica"? (28). O modelo utilizado era o da partilha de razões entre a razão e a loucura, que na visão de Foucault parece ser mais uma consequência performativa de um dado funcionamento do saber, que de determinantes de ordem exterior a essa partilha, a que de alguma maneira se adicionariam para alcançar a sua figura plena. Enquanto experiência histórica ela é indissociável de um processo de narrativização da experiência, que se representa dramaticamente para trazer à superfície a problemática da identidade. Ora, não é por esta tornar-se sensível na história que deixa de ser efeito de um movimento abstrato que tem de ser explicado, porque através dele é toda a ordem do discurso

.....

(28) - Foucault, Michel: Histoire de la Folie à L'Age Classique, Paris, Gallimard, 1972.

que é posta em causa. Como afirma Vincente Descombes toda a identidade "se constituye mediante una serie de exclusiones. Si toda a cultura es cerrada o limitada eso não se debe, de una forma negativa, a que ninguna pueda llegar a universalizarse. Se debe a que en una decisión inicial (un primero "reparto"), cada cultura exclue cierto número de posibilidades" (DESCOMBES, 1979: 149). (29).

Existe, portanto, um movimento de concretização positiva de umas possibilidades entre outras, a partir do qual se lança a negação, sendo esta sempre segunda, e ocorrendo dentro de um espaço estruturado (e portanto finito). A máquina binária das oposições liga-se indissolúvelmente ao já-dado deste campo, onde o sem-sentido se opõe a um sentido bem definido - o da Razão, do normal-, tal como a ausência de obra é uma inversão ao espelho das obras desse espaço de produção. Mas algo se passa antes e depois desse primeiro agenciamento de partilha que não se percebe plenamente através do postular esse agenciamento abstracto.

Com efeito, este é de uma outra ordem de discurso, que a narrativa que re-diz, mas a natureza mítica dessa narrativa que anuncia o triunfo do sentido, de algum modo contamina a metalinguagem que nela se conecta, pois que esta ao mesmo tempo que se estrutura numa ordem de saberes, numa rede de poderes e numa cadeia de lugares-do-sujeito, transforma os seus limites numa no man's land, interiorizando todo o discurso, mesmo os mais negativos. Ou seja, não se trata de uma questão meramente histórica descritível positivamente nem de uma metalinguagem exterior a essa partilha inicial, mas da criação de um espaço vazio dentro do espaço pleno

.....

(29) - Descombes, Vincent: Le même et l'autre (trad. espanhola, El mismo y el otro", Ed. Cátedra, /m 1982, p. 149).

da identidade. Embora a obra de Foucault esteja longe de ser pacífica, pode aceitar-se a interpretação de Descombes para quem o autor da Histoire de la Folie "sostiene que la razón, cuyo origen es una división entre ella misma y su obra, no puede remontar-se hasta este origen" da partilha Razão/Loucura. (sic) Obturando o seu acesso ao movimento de origem, é ao analista que cabe a possibilidade, sem cair num exterioridade impossível, de voltar a jogar os elementos e as séries concretas que estiveram na constituição desse espaço estruturado - a "época clássica"-, sem cair na pretensão de o restituir plenamente, mas antes de deslocar a distribuição de forças que o levaram a concrecionar-se de um modo específico.

Não atentando nesta questão repete-se permanentemente a grande partilha como um mito da razão, preso da dominação especular da Identidade. Todavia, devemos aqui perguntar-nos se a emergência de uma linguagem sobre a Identidade permite, ou não, delimitar as regras de realização abstrata da Identidade. Simultaneamente isso implica responder às críticas bem intencionadas dos que opõem a loucura à razão, ou a diferença à identidade, que se prendem à dialectização do problema da Identidade, ou seja, ao leque de respostas que são induzidas pelo seu espacejamento lógico.

Valeria a pena fazer a genealogia da ideia de "identidade, à maneira de um Lovejoy, mas na impossibilidade de o fazer neste lugar, limitamo-nos a referir um dos seus elementos constitutivos, isto é o saber médico, de que se conhece a influência na formação do saber grego. Aqui é fundamental o esforço desenvolvido por Georges Canguillem sobre a oposição normal/patológico, que tem a vantagem de permitir descrever o modo como depois da estruturação do espaço de sentido da acção, se cria

um processo de significância onde as representações têm uma eficácia própria, funcionando tanto através da inversão da dicotomia, como da passagem de um pólo para o outro, que se dá na ordem do discurso. Mais do que uma decisão entre a ordem ou a desordem, a identidade ou a diferença, temos a pragmática agenciadora das expressões de um campo que, pela sua insistência tem de afastar a "desordem" que o ameaça, aquilo a que os teóricos dos sistemas chamam a "entropia", aproximação que não deve estranhar pois a linguagem dos sistemas corresponde ao culminar do "discurso da ciência".

De certo modo, o agonismo heracliteano é domesticado na superfície do discurso da "desordem", que é sempre uma certa forma de ordem, sendo uma das suas representações, mostrando negativamente a falta de uma "regra". Nessa mostraçãõ dá-se uma indicação do fim a atingir pois, como escreve Canguillem "o normal é, ao mesmo tempo, a extensão e a exibição da norma. Ele multiplica a regra, ao mesmo tempo que a indica. Ele requer, portanto, fora de si, ao seu lado e junto a si, tudo o que ainda lhe escapa. Uma norma tira o seu sentido, a sua função e o seu valor do facto de existir fora dela, algo que não corresponde à exigência a que ela obedece (30). O seu extensionamento, é portanto, /x prático, e enquanto tal exige a diferença nas suas margens e, simultaneamente, um marginalizar permanente - um criar margens, "dar novos mundos ao mundo". Isso explica-se por vários factores, desde a primeira decisão lógica da partilha - com a criação de um espaço de polaridade, e simultâneamente pelo facto de a representa-

.....

(30) - Canguillem, Georges: Le normal et le pathologique (trad. Brasileira O normal e o Patológico) Forense, 1978, p. 211.



ção ao passar pelo espaço público, ser dissentiva, isto é, dos nomes serem polissêmicos com uma vasta zona de indeterminação, ou de inserção noutros enunciados distintos.

O que se disse até aqui, permite perceber facilmente que nem todos os enunciados são possíveis, já que a enunciação sofre os condicionantes da estruturação de um dado espaço social de Identidade, que se dota de regras bem definidas pelo menos nos casos limites. Dentro da pura lógica significativa torna-se evidente que, 1) não é logicamente pensável a inexistência de regra (o imaginário do paraíso) e 2) não é possível logicamente uma regra única (o imaginário da perversão). Entre ambos extremos toda uma situação conflitual se interpõe, onde a dominância de umas regras sobre outras não está decidida à partida, embora haja regras de dominância. No fundo, uma regra total tornaria toda a prática em-dissidência, enquanto a ausência de regra seria apenas a marca da ausência não da dissidência, mas dos dissidentes, que podem ser bem mais incomodativos para os gestores.

A própria existência das margens como matéria a trabalhar pela estratégia da normatização, onde assenta a ambiguidade das fronteiras e onde se marca a partilha identitária, com a concomitante fragmentação das representações, indica que os casos extremos são resultantes de uma representação total, sem fissuras, cuja plenitude é a melhor marca do imaginário. É nessa representação imaginária que a Identidade enquanto estratégia exaure as suas forças simbólicas, imanentizando-se no "real". Na interpretação de Canguillem "as normas são relativas umas às outras num sistema, ao menos potencialmente. A sua correlatividade num sistema social tende a fazer desse sistema uma organização, isto é,

uma unidade em si, senão por si, e para si" (31). Ao lançar-se em processo de realização prática a estratégia da Identidade transforma-se em "mundo", e realiza-se, segundo a modalidade de uma tecnopolítica de terapêutica generalizada, que procura abolir a dissidência e o "desvio" que ela própria é obrigada a criar.

É que, finalmente, o elemento reprimido é que a regra cria o seu desvio, instituindo no seu movimento insolúvel um diferendo essencial, que Canguillem entrevê no facto de haver resistência, e que só tem sentido enquanto houver resistência, mínima que seja. Tal como para Hegel o humano só se coloca à humanidade, também a resistência é prenunciadora pelo mero facto de existir e enquanto existir. Nas suas palavras "basta que um indivíduo questione as necessidades e as normas dessa sociedade e as conteste (...) para que se perceba até que ponto a necessidade social não é imanente, até que ponto a norma social não é imanente, até que ponto, afinal de contas, a sociedade sede de dissidências contidas ou de antagonismos latentes, está longe de se colocar como um todo". (32). A percepção dos diferendos implica, portanto, a existência da crítica prática, quase espontânea, ao funcionamento identitário, que não pode deixar de ser sempre uma abertura do processo de imanentização, ou seja, assumindo sempre a abertura por uma transcendentalização crítica que é tanto mais dura e importante, quanto mais se perfila a possibilidade de realização do jogo mais abstrato da identidade, quando mais do que uma saúde perfeita, boa cidadania, o bom

.....

(31) - Canguillem, Georges: Op. ult. cit., p. 222.

(32) - Canguillem, Georges: Op. ult. cit., p. 229.

pensamento, se procura realizar o diagrama que os subentende, que é o da Identidade. Como veremos hoje os media desempenham aqui um papel crucial que não pode deixar de ser analisado. (33).

A emergência na cena pública moderna do discurso da Identidade permitiu que o debate filosófico se tornasse mais directamente político, originando uma maior incidência sobre o problema da Identidade. É o caso da filosofia adorniana para quem "das Ganz ist die unwahr", formulação anti-hegeliana que é muito devedora da crítica da metafísica encetado por Heidegger, e que ressurgue na frase de Lacan de que "é impossível dizer o Todo". Comum a esta crítica da totalidade, não é a recusa do real, mas a percepção de que o discurso da identidade é inseparável do "primado do todo" como se pode ler na Minima Moralia de Adorno (34). Para este

.....

(33) - Os media são uma peça essencial na mostração concreta do desvio. Nos dizeres de Howard S. Becker, com Outsiders, "o desvio (...), delitos publicamente rotulados, é sempre resultado da iniciativa (...); precisa ser descoberto e mostrado". (Cf. trad. Brasileira Uma teoria da acção colectiva, Zahar, 1977, p. 121). Tal mostração é inseparável dos "empresários morais" que, de acordo com Becker, são essenciais para a criação e imposição das regras. É a sua paixão pelo abstracto que põe em jogo a estratégia da Identidade dentro de um dado espaço social.

(34) - Adorno, Theodor W.: Minima Moralia, Payot, 1980.

autor "l'idée d'une totalité, harmonieuse a travers même ses antagonismes, l'oblige à ne concéder dans la construction du tout qu'une place réduit à l'individuation" (35). É interessante verificar que a individuação é, de certo modo ambígua, parecendo remeter para uma teoria do sujeito e da diferença, quando finalmente as duas posições não se equivalem, nomeadamente pela contradição entre os dois momentos que representam: a do sujeito, que é a marca da dominância da modernidade, e a diferença, marca do que alguns autores chamam "postmodernidade", conceito a rever. (36). O interessante da crítica adorniana à dialéctica da identidade, é instaura um pensamento da irresolução das "contradições", ou seja, dos diferendos que atravessam o espaço público. Embora dificilmente sustentável, a pressuposição de uma contradição sem síntese é essencial para a desconstrução das soluções utópicas, marca do imaginário do Poder.

A crítica do discurso da Identidade, com a comunitas mística que subte, é uma consequência da perda de força das "utopias" no dizer de Adorno, ou seja, da crise das narrativas de legitimação social que Jean François Lyotard tem teorizado. (37). Para este autor a diferença entre a modernidade e a postmodernidade deriva, antes de mais do posicionamento perante o "pensamento antigo" caracterizado pela narrativa mítica que conferia sentido ao mundo (das práticas).

.....

(35) - Adorno, Theodor W.: op. ult. cit., p. 12.

(36) - Lyotard, Jean-François: La condition post-moderne, Minuit, 1979.

(37) - Lyotard, Jean-François: op. ult. cit. Ver também Le Differend, Minuit, 1983.

A modernidade legitima-se através da crítica desses mitos, instaurando um metadiscurso que torna os mitos em momentos de criação dessa metalinguagem desencarnada, que arrola no seu desenvolvimento a dialéctica de auto-constituição, ascensional de desvelamento do sentido, do espírito, do progresso, etc.. Ao mesmo tempo que se constitui essa dialéctica, emerge como questão político-filosófica a necessidade de legitimação, que é bem sinal de uma alteração radical da "forma de servitude volontaire" de que fala um La Boétie. O postmoderno é incrédulo perante os "meta-récits", por uma crescente suspeição perante os discursos de legitimidade. É que a passagem da Palavra do Poder, quase estatutária para o Poder da Palavra, aberta com a revolução Francesa, instaura uma crise no interior da própria palavra, sintoma afinal da sua não neutralidade, da sua eficácia estratégia referida no princípio desta Lição.

Mas não basta referir a proliferação de jogos de linguagem, nem a sua irredutível multiplicidade, que posta nestes termos seria ilusória, já que há sobre-determinações estruturais do que é possível dizer/fazer num dado espaço social. Primeiramente tem de se tomar em atenção que estamos diante de uma situação agonista do discurso, onde mais do que uma evolução das formas de legitimidade, se confrontam horizontalmente todas as modalidades, mas não da mesma maneira, nem independentemente do contexto onde a "frase" surge. Daí que não seja plenamente aceitável a oposição de Lyotard entre legitimidade performativa e legitimidade por paralogia, já que esta oposição é uma das limitações estruturais por onde têm de passar os enunciados da crise da modernidade, mas que necessariamente não elimina as outras modalidades, antes se conectam a elas de forma mais solta. A legitimidade por paralogia que acentua

a eficácia local do Poder e não a resultante de uma tecnologização do social, procura abrir espaço para outras conexões - uma abertura para a liberdade de conectar diferentemente, sempre segundo outras figurações. O que não é aceitável é fazer da "legitimidade" ou da "liberdade" - da sua dialética"-, uma nova narrativa, já que a "liberdade" não se dá, nem é dada, mas conquista-se, ou advém sem qualquer garantia de que ainda está entre nós - os "conquistadores" modernos...

É esta a concepção que deriva da experiência do nosso tempo, de que não é possível uma metalinguagem que dê sentido ao que acontece. E mesmo dizer que uma experiência como, por exemplo, o nazismo, não tem sentido ou que é "absurda" como diria um Camus não permite levar suficientemente longe o "abismo" que há entre os diversos jogos de linguagem, ou entre a linguagem e o acontecimento inesperado que abala o sentido do mundo - do socius. É isto que importa reter da crítica do mito da Identidade que caracteriza a modernidade. Este abismo entre jogos e práticas sociais pode ser descrito como um diferendo que põe em causa a existência, e mesmo a necessidade de uma metalinguagem que escaparia à ordem da simbolicidade, já que essa metalinguagem teria de se instituir como o lugar da totalidade. Ora, como afirma Lyotard "un objet qui est pensée sous la catégorie du tout (ou de l'absolu) n'est pas un objet de connaissance (dont on peut soumettre la réalité à un protocole, etc.). On appellerait totalitarisme le principe qui affirme l'inverse" (38). O princípio do totalitarismo corresponde ao domínio de um princípio da identidade em posição

.....

(38) - Lyotard, Jean-François: Le Différend, Minuit, 1983, p. 18.

de se realizar, isto é, de se tornar "absoluto".

O diferendo deixa subsistir o "silêncio" entre os diversos regimes simbólicos, correspondendo ao espaço do segredo, da opacidade que é dotado da instantaneidade do acontecimento, algo que sobrevém, mas que não era previsível, ou melhor, caso mais interessante, que não era inteiramente previsível, e que Lyotard define como arrive-t-il, o movimento do frasear que não é anulado por nenhuma frase ou enunciado. Não que se negue a possibilidade do singular - da Identidade-, como princípio e possibilidade, mas o que a impossibilidade de se pronunciar a última frase nos diz que o singular e o plural são sempre plural, isto é, que o singular é ilusório se existir à custa da denegação do plural. O que é finalmente uma questão de direito, pois como escreve Lyotard "faire droit au différend, c'est instituer de nouveaux destinataires, de nouveaux destinateurs, de nouvelles significations, de nouvelles référents pour que le tort trouve à se exprimer et que le plaignant cesse d'être une victime" (39). Situação que implica a desagregação da superfície unificada do discurso, e que obriga a justificar os actos e decisões assumidos, dentro de uma determinada instanciação de enunciação aberta pelo diferendo. A saída da ordem simbólica implica a complexificação pragmática de um complexo - a que se pode chamar espaço de realização do discurso, bem estruturado, e atravessado por fluxos dinâmicos de frases, posições e objectos.

.....

(39) - Lyotard, Jean-François: Le Différend, Minuit, 1983, p. 29.

IV. A experiência completa do desvio

Esse complexo pode ser denominado por experiência completa do desvio, sendo este conceito pensado através da última obra de Michel Foucault. Todavia, mais do que uma novidade radical parece ser possível sustentar que é essa noção que dá uma certa unidade à obra de Foucault, talvez se devendo a ela a sua classificação entre os "post-estruturalistas". A obra de Foucault subtende um programa extremamente ambicioso, que anuncia profundas transformações nas chamadas "ciências humanas" (40). A questão essencial é a da possibilidade de partir da "experiência" sem cair-se numa fenomenologia em que impera a subjectividade constituinte de um sujeito transcendental, nem um empirismo descritivista. Ora, se nos dois últimos livros de Foucault há uma reflexão sobre esta questão, tal preocupação era já evidente desde o seu primeiro livro importante, que incluía mesmo um capítulo sobre as "expériences de la folie" (41) e que, segundo o autor, era "un libro che funziona come una esperienza" (42), com tudo o que acarreta de aberto, de a-metódico. Foucault diz numa entrevista a Duccio Trombadori que "una esperienza non è "vera", nè "falsa": è sempre una finzione, non qualcosa

.....

(40) - Para uma visão de conjunto da obra de Foucault, cf. o livro recente de H. Dreyfus e P. Rabinow: Michel Foucault - un parcours philosophique qu-delà de l'objectivité et de la subjectivité, Galimard, 1984.

(41) - Cf. Foucault, Michel - Histoire de la folie, Gallimard, 1972, pp. 124-150.

(42) - Foucault, Michel - "Conversazione", entrevista à revista italiana Il Contributo, IV, nº 1, 1980, p. 27.

che si costruisce, che esiste solo dopo che è stata fatta, non prima". (43). Porém, é na "Histoire de la sexualité" que ele afronta directamente o problema da experiência, como veremos seguidamente, mas apenas quanto baste para apoiar a nossa desconstrução do princípio da Identidade.

Tudo isto é inseparável da ideia de problematização que parece ser devedora das novas tendências da epistemologia moderna (44). Para Foucault "problematization ne veut pas dire représentation d'un objet préexistant, ni non plus création par le discours d'un objet qui n'existe pas. C'est l'ensemble des pratiques discursives ou non discursives qui fait entrer quelque chose dans le jeu du vrai et du faux et le constitue comme objet pour la pensée" (45). Toda uma nova concepção ressalta desta proposta de Foucault que simultaneamente quer evitar o objectivismo da descrição empírica, e o relativismo moderno, ambas marcadas por uma visão estática da análise, quando esta sendo uma prática inscreve-se dinamicamente nas práticas através da sua intervenção no saber. Como se depreende desta passagem a intervenção referida é da ordem de um "jogo" que por o ser não é arbitrário mas rigorosamente definido nos seus contornos, resultantes de uma estrutura de verdade e falsidade que é a desse jogo (como se pode observar, há aqui muito da solução wittgensteiniana para o ceticismo). Para além de dinâmica, esta nova análise ao acentuar as práticas e a luta dos saberes em torno delas, institui-

.....

(43) - Foucault, Michel - op. ult. cit., p. 27.

(44) - Sobre a epistemologia dos "problemas", cf. o interessante ensaio de Fernando Gil: "Problemas e Problemáticas" in Filosofia e Epistemologia, IV, A Regra do Jogo Edições, 1982, pp. 125-162.

(45) - Foucault, Michel - "Le souci de vérité", entrevista feita por F. Ewald, Magazine Littéraire, Mai 1984, p.18.

-se como uma mathesis singularis que, sem por em causa a necessária abstracção que o pensamento exige, permite dar conta da invenção do novo, da fracturância inesperada do acontecimento.

O surgimento do novo precisa de um pensamento que possa deixá-lo advir, o que implica a necessidade de uma nova analítica da experiência. Porém, tal analítica para ser metodologicamente interessante tem de ser estruturada, segundo diversas vias específicas. Na definição do último Foucault a experiência é "la corrélation, dans une culture, entre domaines de savoir, types de normativité et formes de subjectivité" (46). A estruturação do fluxo da experiência dá-se segundo uma tripla via: a dos saberes, a dos poderes e a das subjectivações, constituindo a novidade dos últimos livros de Foucault a superação dos momentos analíticos centrados nos saberes e nos poderes, que desenvolveu fundamentalmente na primeira fase do seu trabalho (embora a Histoire de la folie seja um caso especial). Assim, enquanto a primeira procurava invalidar a noção de "ideologia", a segunda recusava a noção quantitativa do poder, opondo-lhe uma micro-física de agenciamentos estratégicos. Mas enquanto momentos não-estruturados tendiam à denúncia incansável das relações do saber com a inexorabilidade do Poder, perdendo-se de vista que o momento estratégico do poder implicava uma possibilidade de resistência onde se assinala o carácter irrepitível das figuras da experiência. Tomar em atenção os processos de subjectivação possibilita o questionamento do fechamento operado pela dominância da experi-
.....

(46) - Foucault, Michel - L'Usage des plaisirs, Gallimard, 1984, p. 10.

ência em termos de Poder (criticada justamente por E. Said) (47) com o afastamento da problematização da verdade já referida. Dizer que a verdade é uma ficção é um simplismo se não se demonstrar em que jogo de verdade ela é uma ficção. Silenciar esta questão leva a uma naturalização dos pressupostos da crítica, que fica presa do que denuncia, isto é, diversas formas do princípio de Identidade. É o caso no problema do desvio em que se denuncia o trabalho de correcção operado através do discurso moral. Ora, isso ocorre através da naturalização da sexualidade, ou da transgressão, ou da morte, postulando-se assim uma espécie de urphänomenon pervertido pelo poder - narrativa a que Rousseau deve a fama. Perdendo-se de vista os processos de subjectivação e a relação estruturada dos três eixos referidos, a análise decai na oposição real/simbólico que justifica a proliferação de narrativas imaginárias. Não por acaso Foucault depois de ter estudado a loucura, a prisão, os hospitais, vai dedicar um estudo à moral, tema maldito para o nietzschianismo de alguns que confundem a análise com a denúncia.

.....

- (47) - Edward W. Said vai fazer incidir a sua crítica sobre a "disturbing circularity" (sic da noção de poder de Foucault, questão que se tornou o leit motiv da crítica a Foucault, seja de direita seja de esquerda. Neste caso é de esquerda, escrevendo Said que "power can be made analogous neither to a spider's web without the spider nor to a smoothly functioning flow diagram; a great deal of power remains in such coarse items as the relationships and tensions between rulers and ruled, wealth and privilege, monopolies of coercion, and the central state apparatus". Cf. The World, the text, and the critic, London, Faber and Faber, 1984, p. 221.

Para esclarecer este ponto vale a pena ler a seguinte passagem de Foucault, apesar de algo longa: "toute action morale, c'est vrai, comporte un rapport au réel où elle s'effectue et un rapport au code auquel elle se réfère; mais elle implique aussi un certain rapport à soi; celui-ci n'est pas simplement "conscience de soi", mais constitution de soi comme "sujet morale", dans laquelle l'individu circonscrit la part de lui-même qui constitue cet objet de pratique morale, définit sa position par rapport au précepte qu'il suit, se fixe un certain mode d'être qui vaudra comme accomplissement moral de lui-même et, pour ce faire, agit sur lui-même, entreprend de se connaître, se contrôle, s'éprouve, se perfectionne, se transforme. Il n'y a pas d'action morale particulière qui ne se réfère à l'unité d'une conduite morale; pas de conduite morale qui n'appelle la constitution de soi-même comme sujet moral, et pas de constitution du sujet moral sans des "modes de subjectivité" et sans une "ascétique" ou des "pratiques de soi" qui les appuient" (48). A noção de experiência completa tem de tomar em atenção os códigos morais (e a sua relação a Poder), a genealogia desses códigos (a sua constituição como saber) e a vivência desses códigos (a sua praticabilidade enquanto lugar de subjetivação). Esta estruturação não implica um centramento sobre os elementos rígidos das regras dos códigos, mas antes uma nova visão da materialidade dos discursos a sua inscrição nas práticas, e a estilização que sofrem, cabendo lembrar aqui que, como mostra Derrida, o estilo é o esporão que sulca, rasga a superfície do significante.

.....

(48) - Foucault, Michel: L'usage des Plaisirs, op. cit., pag. 36.

Dentro desta estrutura "mole" da experiência têm então de se tomar em consideração o comportamento de cada um dos eixos, bem como a combinatória que deles deriva, através da compreensão do agenciamento complexo das instâncias e posições possíveis de realizar-se numa dada cultura, possibilidade que Foucault caracteriza como uma rarificação do enunciado (49). Os regimes discursivos são essenciais para a compreensão do funcionamento pragmático das diversas instâncias, ou melhor para se compreender que género de trabalho de instanciação está na base de uma dada figuração da moral, da repressão, e do desvio, naturalmente, pois este é o nosso tema. (50).

.....

- (49) - Sobre a questão da raridade enunciativa em Foucault, o problema do "effet de rareté" (sic), ver o comentário de Deleuze "Un nouveau archiviste" in Critique, 274, 1970, p. 196.
- (50) - Antes de prosseguirmos tem cabimento referir que o que dissemos do princípio da Identidade se refere a uma instanciação do eixo dos saberes, que abstractamente é levada ao extremo decaimento no imaginário. O que tem as suas consequências sobre o Eixo do Poder - a criação da marginalidade em torno da regra de realização - vigilância da comunidade dos iguais (perante o princípio da Identidade).

V. O desvio nos media: a estratégia de referencia-
lidade

O funcionamento concreto do princípio da Identidade é indissociável dos constrangimentos do espaço público, e nomeadamente do chamado campo dos media.

Não tem cabimento apresentar nesta Lição uma teoria dos media, embora deva haver a consciência de que se trata de um problema que é decisivo para a compreensão da crise discursiva que atravessa o político e o direito. Com efeito, qualquer reconstrução das posições sobre os media que não leve em atenção a sua inscrição no socius é dificilmente sustentável. Mas a um nível muito superficial é possível detectar uma certa estruturação, variando apenas o modo de nomeá-la. Por exemplo, Stanley Cohen e Jock Young referem o conflito existente entre "Mass Manipulative model" e o "Commercial Laissez-Faire model", acentuando o primeiro o carácter impositivo dos media e o segundo, inversamente, a "objectividade" que estará na base do seu funcionamento. Como é evidente, as duas posições podem ser extremadas pela assumpção de posições políticas de esquerda ou de direita, ou mesmo por decisões paradigmáticas de diversa índole, o que origina uma multiplicidade de "teorias" em diferendo entre si, não pela definição da "realidade", mas pelo controlo do discurso sobre os média. (51).

.....

- (51) - Ver The manufacture of news: social problems, deviance and the mass media, editado por S. Cohen e J. Young, London, Constable, 1973. A posição eclética destes autores deriva logicamente das posições referidas, implicando a desdramatização das versões "manipulativas" e introduzindo a temática dos efeitos nas versões do "laissez-faire". Cf. op. cit. p. 339.

O que existe de comum a todas essas posições é um certo posicionamento perante a tese mais influente nos estudos de comunicação, já referida, e que se centra sobre o problema da construção da realidade pelos media. Com efeito, a resposta a esta questão tem sido apresentada como fundamental, e de certo que o é, mas não basta um alargamento a outros "factores", como deixámos claro na nossa crítica ao sociologismo. É o que ressalta da recente tentativa de síntese de Hanna Adoni e Sherril Mane de apresentar um quadro teórico do papel dos mass media na construção social da realidade. Para isso propõem um modelo composto por duas dimensões - o tipo de realidade analisada e a distância dos elementos sociais da experiência directa. (52). Influenciado pela teoria sociológica de Schultz e de Luckman, esse modelo parte de uma abordagem "holística" que, de acordo com os autores, "is concerned with both the micro - and macrolevels of social life, and takes in account the different interactions among the types of reality, it appears to be the best suited perspective for a more complete understanding of the role of the mass media in the social construction of reality as well as a potential meeting point for different traditions of culture and communication research". (53). Como disse, esta síntese constitui um alargamento da reflexão corrente sobre os media, acrescentando-lhe de forma mais ou menos elementos de contextualização de ordem sociológica e cultural.

.....

(52) - Ver "Media and the social construction of reality: toward and integration of theory and research" de H. Adoni e S. Mane in Communication Research, vol. II, nº 3, 1984, pp. 323-340.

(53) - Adoni e Mane - art. ult. cit., p. 337.

Embora a consideração desses elementos seja promissora, parece duvidoso o interesse de um acréscimo exterior ao trabalho de simbolicidade onde se inscrevem os media que constitui uma experiência complexa. Mais do que um acesso directo afigura-se necessário um trabalho de deslocação que consiga apreender no acto o trabalho de constituição da discursividade mediática.

Mas voltaremos à questão do desvio na sua relação com os media. Mesmo sem se levar mais longe a reflexão atrás encetada, pode-se perguntar se o desvio é criado nos media ou, se estes se limitam a reflecti-lo segundo a sua "codificação" específica, sendo a sua criação originada noutras instâncias. O problema é complexo pois põe em causa toda a análise do campo dos media, nomeadamente a relação dos media com o espaço público, e todo o trabalho de simbolicidade que eles exercem. Todavia, a mera colocação do problema implica a questionação de uma das abordagens mais influentes dos media - a de Jean Baudrillard - cujo catastrofismo reduz a simbolicidade e o seu trabalho específico à circularidade vazia do significante, posição esta que leva a simplificações excessivas na análise do desvio enquanto experiência complexa, por nós defendida no ponto anterior desta lição.

Nos media o desvio é encenado através de estratégias de identidade que, apesar de sempre omnipresentes, se revelam mais explicitamente nos momentos de crise, que procuram obviar através da produção do consenso, e da reprodução das suas condições. Quer isto dizer que os media tem fundamentalmente um papel de definição da "realidade" como as teses bem conhecidas de um Boorstin sobre o "fabrico da actualidade" deixam entender, e que de alguma maneira tanto McLuhan como os seus seguidores franceses - caso de Baudrillard - levam às últimas conse-

quências lógicas? Esta é uma questão difícil que não se resolve com nenhuma resposta apressada, pois que afirmar que as notícias são produtos manufacturados de acordo com certos códigos sociais e culturais, é uma questão sem sentido antes de se apresentarem com rigor esses "códigos", o que não é fácil pois estes têm muito de indefinido, pelo menos no que escapa às regras profissionais e institucionais explícitas, isto é, escritas. (54).

Aliás, postular-se a "transparência" dos códigos com um concomitante conhecimento total, é um dos procedimentos básicos de institucionalização de um tipo de discurso sobre o acontecimento que faz apelo aos métodos de verificabilidade científica, inviáveis na recepção do discurso. Opera-se assim a simulação de um referente do acontecimento que opera através da redução de todos os jogos de linguagem aos denotativos.

Através da referencialidade o discurso pseudo-denotativo serve de horizonte dos enunciados de indicação do desvio em relação ao primado do sentido, que é sempre o da estruturação de um espaço de realização da Identidade. Daí que o apontar do desvio incida sobre uma mescla de ficção e de normas e leis que servem de base à denúncia do desvio. Ora, as ficções que se mesclam a esses jogos de regras (e Leis) servem de legitimação do discurso produzido, legitimação essa que é reduplicada pelo simulacro de epistemologia da verificação de que se apropriam como "desengajamento" da posição do leitor.

.....

(54) - Para além de outras consequências, isso implicaria que se poderia transpor para as práticas a noção intencionalista de código dos modelos instrumentais, com tudo o que acarretam de linearidade, acuidade signíca e eficácia técnica.

cura-se simultâneamente um reforço dos aparelhos vigilância, um permanente trabalho sobre a lei de a estendê-la ao conjunto das práticas, com tudo e implica de criação de uma comunidade negativa és dos processos de estigmatização, que tende a enhar uma função sacrificial de aufhebung do ne- função essa que corresponde a uma laicização : "emissaire" estudado por Girard. (55).

á-se uma fusão do discurso prescriptivo com ativo que anula o pedido de justificação que midade na era moderna impõe, através de uma moral que encena o perigo de destruição das territoriais da identidade, mostrando os symbols of disorder" (BENNETT, 1982:297).

utilizarmos os termos de Tony Bennett. Uma

(55) a referência ao "bouc emissaire" é menos mica, do que resultante da necessidade de entender o funcionamento do princípio da Ident. Na verdade, de modo mítico mas também , este cria como "referente" uma comunidade de classe, humana ou invertida, neste isto é indiferente). Daí a importância do livro como o de Robert Nisbet que procura o facto de que "a história da filosofia basicamente a história das ideias e dos humanos quanto à comunidade". Cf. The Social Philosophers (trad. brasileira, Os filósofos sociais, Universidade de Brasília, 1982, p. 13).

(56) - Bennett, Tony: "Media, 'reality' signification" in Culture, society and the media, ed. M. Gurevitch et alii, Methuen, 1982, p. 297.

dificuldade deve aqui ser afrontada e que deriva do posicionamento de Katz e Lazrsfeld sobre os "dois passos do fluxo de comunicação". Como é sabido estes autores relevam um momento importante de recepção do discurso a que chamam "grupos", mas que podem ser encarados como comunidades menores com uma configuração muito ténue. O que eles demonstram é que os grandes media são trabalhados pela teia de relações sociais que podem mesmo desertá-los, levando ao esvaziamento das estratégias de sentido que veiculam. Perante isto abre-se uma dupla via, que de certa maneira se excluem. Ou prolongamos essa análise com uma teoria do espaço público, que permita inserir os grandes media numa ordem simbólica mais lata, ou temos de eufemizá-la através da utilização de noções como "ideologia", como é o caso de Bennett que sustenta que "the propositions that the media are influential in proposing certain ideologically derived definitions of reality is one that cannot be dependent for its validation solely upon the subjective reports of those whose consciousness is said to be produced, without their being aware of it, this process" (BENNETT; 1982: 295 (57). Ou seja; estamos diante de uma indefinível e objectiva "discursividade" que tem a característica de ser falsa, invisível e inconsciente para os sujeitos da acção, e exactamente tudo o contrário para os analistas. (58).

.....

(57) - Bennett, Tony: art. ult. cit., p. 298.

(58) - Por ser um "conceito" fácil de trabalhar, e de entender, o termo "ideologia" tem tido uma grande voga, pelo menos nos anos 60. Sintomaticamente é contra ele que uma parte da obra de Foucault se orienta. Assim, contra a conotação de falsidade e negatividade por ele conotado, Foucault escreve que "las condiciones políticas y económicas de existência no son un velo o un obstáculo para el sujeto de conocimiento sino aquello a través de lo cual se forman los sujetos de conocimiento y, en consecuencia, las relaciones de verdad". Ver. Foucault, Michel: La verdad y las formas jurídicas, Gedisa, 1983, p. 32.

Pela mera necessidade de ser possível uma análise é preciso afastar o "espelhismo" da referencialidade, com a sua ficção denotativa, de modo a poder-se levar em conta a conflitualidade dos discursos e dos interesses que, se impõem uma certa "definição da realidade" (conceito algo ambíguo), permitem simultâneamente a distanciação crítica perante ela.

A Estratégia da identidade pode assumir as formas de um discurso da crise, o que se explica facilmente pelo facto da identidade ser uma questão de nome, de individuação das fronteiras entre "objectos" (individuais no sentido de Strawson). No fundo a crise corresponde a um emergir da violência que, o poder como "dominação" (suspensão da morte) adia indefinidamente. Ora, no discurso moderno a negação da morte, do risco pura e simplesmente, é acompanhada por práticas de segurança generalizadas, sociais e políticas, que são uma pedra importante da realização da Identidade. Como afirma Pierre Henri Jeudy "les media fournissent des objets de peur, entretiennent des raisons de phobie, argument les causes de l'angoisse... tant que la violence est exprimée, traduite par des images stéréotypées la menace de destruction trouve non seulement son fondement mais aussi sa fonction" (59). É esta função que permite mostrar o Estado em acção de contenção do perigo, contendo os seus efeitos de propagação que, desenvolvendo-se sem entraves - um sinal da representação medieval da peste - abala a fixidez das configurações sociais, deixando emergir o seu carácter arbitrário, i.e., significante.

É esse carácter significante que é negado de um discurso que engloba a sua heterologia. Porém, a heterologia não pode ser radicalmente exterior ao sentido

.....

(59) - Jeudy, Pierre-Henri: La peur et les media, Puf, 1979, p. 6.

agenciado pelo discurso dos media, a não ser no caso de existir um código total ou um sujeito onisciente, hipóteses que relevam mais do imaginário do discurso científico. São precisamente os diferendos que atravessam a ordem do simbólico que impedem a cristalização da crítica nesses dois pólos do imaginário científico. Jeudy considera que "plus que jamais une société a besoin, pour la reproduction de sa cohésion, de ce qu'elle exclue (...). Au fond, on peut dire que certains événements sont appelés à devenir des arrières fonds de la théatrealisation sociale, et qu'ils sont ramenés sur le devant de la scene chaque fois que la menace doit être signifié, nomée, tout en gardent son caractère diffus" (60). Resta, apesar de tudo, a questão dos mecanismos da necessidade de "significar" ou de "nomear" que não são uma resultante directa da ficção denotativa do discurso dos media, mas antes que se enxertem sobre essa ficção. Qual é portanto a sua instância de enunciação, se recusamos tanto um código total, como uma difusíssima "ideologia", incontrolável e a que, de nenhum modo, se pode reduzir o problema da Identidade, contrariamente ao defendido por Theodor Adorno?

.....

(60) - Jeudy, henri-Pierre: op. ult. cit., p. 155-156.

VI. Conclusão: Para uma política dos media: a impossível RESISTÊNCIA

Trata-se de saber como os media se comportam na época moderna, e após. Um dos teóricos importantes sobre esta passagem é Jean Baudrillard, que põe em relevo uma oposição entre informação e sentido que se acham numa relação inversamente proporcional. Ou seja, à medida que a "informação" aumenta o sentido é neutralizado, "dissuadido", tese de que extrai consequências radicais. Todavia, esta posição acha-se presa do modelo instrumental de Shanon que precisamente se centre sobre essa distinção, sendo o "sentido" uma questão exterior à transmissão da informação: Ora, ambas as posições implicam a suposição de um sentido unificado e cristalizado (em "códigos"), ou seja, previamente dado. Deste ponto de vista esse sentido prévio não é distinguível do que se chama a Tradição, limitando-se a repetir a tese bem conhecida da crise do sentido herdado, o que é uma outra forma de referir o movimento de emergência da Modernidade.

Com efeito, dizer que "l'information dévore ses propres contenus. Elle dévore la communication et le social (61), anunciando o fim do social, parece ser o culminar do movimento da Modernidade num evolucionismo radical semelhante ao de Habermas baseado na evolução do "öffentlichkeit". Por sua vez em Baudrillard assiste-se a uma perda do sentido num processo de passagem da explosão para a implosão do sentido, mas baseia-se na ambiguidade desta noção, e simultaneamente na centralidade que ocupa na hermenêutica cristã. Senão como se justifica a simulação de sentido precisamente para "ocultar" o seu desaparecimento, se não for pela primazia

.....

(61) - Baudrillard, Jean: "L'implosion du sens dans les media" in Simulacres et simulation, Galilée, 1981, p. 123.

da necessidade de sentido que está na base dos lamentos de um De Maistre ou de Edmund Burke?

A ideia de que se opera uma "irresistível desestruturação" do social" (Sic) escapa às consequências nostálgicas de denúncia da modernidade pela irreversibilidade postulada do movimento de implosão e desestruturação referida. Esta é uma forma de evitar a ideia de que se reconstruiria o "sentido" através de uma regeneração do social, posição defendida em 1893 por Durkheim, ao considerar que "para que a anomia cesse, é preciso que exista, ou se forme, um grupo onde se possa constituir o sistema de normas que actualmente falta. Nem a sociedade política no seu conjunto, nem o Estado, podem evidentemente cumprir esta função" (62). A denúncia do sentido não pode estruturalmente considerar-se independentemente desta "regeneração moral", que apela à hiperlucidez do conhecimento sociológico.

Tocamos aqui o problema da modernidade: o nihilismo de que o intimismo é a forma final, como mostra Richard Sennet. Ora, este é um produto de sentido onde os media desempenham papel preponderante, mas que tem de ser entendido de forma lata, já que a própria referência aos media não é clara, tendendo-se a reduzir o seu alcance aos mass media que mais não são do que um écran de banalização de algo que se passa a outro nível, o da incessante criação das formas novas. Aquilo que Baudrillard não se pode dar conta, precisamente pelas permissas do seu discurso, é que não é possível unificar o simbólico, e melhor prova disso é a encenação dessa unidade que é uma outra forma de reconhecer de que o social nunca

.....

(62) - Durkheim, Emile: La division du travail social (trad. port. A divisão do trabalho social, I, Presença, 1977, I vol., p. 12).

existiu, antes é construído sempre no bordo da desestruturação, de tal modo que a "linguagem da sedução" mais não é do que uma forma de combate contra a possibilidade de outros discursos, como seja o fractal desse bordo instável, ou uma lógica do sensível que está sempre aquém ou além do simbólico, ou a resistência irónica que um Bourrougs pratica.

Para Baudrillard, preso da sedução do significante, "le sens en est que tous les contenus de sens sont absorbés dans la seule forme dominante du medium. Le medium seul fait événement - et ceci quels que soient les contenus, conformes ou subversifs" (63). Leva-se, assim, ao extremo limite a tese de Macluhan de que o medium é a mensagem importante na refutação das posições estilo Enzenberger sobre uma resistência ao nível do conteúdo, ou da posse, dos media, mas que menospreza completamente algo que a fórmula de Macluhan deixava entrever: a possibilidade de uma estratégia de medium, ao nível do medium (64).

.....

(63) - Baudrillard, Jean: op. ult. cit., p. 125.

(64) - Como refere McLuhan tudo se joga entre ser dominado ou resistir por uma "máscara" de energia. Cf. o seu comentário sobre a frase de James Joyce "Yes, the viability of vicinals if invisible is invincible" (Roles, Masques et representations" in D'Oeil à oreille, Denoel, 1977, p. 179), ou seja, fazer desaparecer as fissuras do texto ou do socius é a melhor maneira de não as ver.

Baudrillard procura afastar essa possibilidade através da "implosion du medium et du réel, dans une sorte de nébuleuse hyperréelle, où même la définition et l'action distincte du medium ne sont plus repérables" (65). O que é uma forma de afastar pura e simplesmente o problema, embora paradoxalmente. Se tal "nebulosa" tivesse ocorrido seria impossível ainda manter um discurso sobre o real e os media, que se baseia nessa distinção, nem que seja ficcional; mas mais importante ainda, se isso se verificasse então em vez de menos acção, teríamos um excesso de acção que seria sempre performativa e que sempre recriaria a "nebulosa" baudrillardiana. Não é esse o carácter do fazer dizendo de Baudrillard, que num discurso miticamente performativo afasta outras dizibilidades do fazer, reduzindo-as a meras moléculas inlocalizáveis na sua "nebulosa"? É bem este o drama do escritor moderno - que ainda se escreva, se assine quanto todas as obras já foram escritas por esse Pierre Mesnard que é o "sistema".

Dentro desta escrita a resistência é impossível, já que os media se limitam a reproduzir as injunções paradoxais características do seu espaço tensional/energético de simulação de sentido. Daí que se consiga imaginar uma resistência que é apenas um simulacro de resistência, uma nihilização irónica da resistência. Para ele "l'argument actuel du système est de maximalisation de la parole, de production maximal de sens. Donc la résistance stratégique est celle du refus de sens et du refus de parole - ou de simulation hyperconformiste

.....

(65) - Baudrillard, Jean: op. ult. cit., p. 127.

des mécanismes mêmes du système, qui une forme de refus et de non savoir" (66). Trata-se de ser reconduzido por entre a situação de "objecto" ou a de "sujeito", mas paradoxalmente, porque se simula a existência de um intervalo de resistência, que não é mais do que um espelhismo dentro dessa estratégia dupla de ser objecto ou sujeitos simulados, i.e., reais e verdadeiros para o sistema mas irreais e "irónicos" na "verdade" da estratégia que intrinsecamente se conhece como tal.

Todavia, ambas as estratégias derivam da fascinação de Baudrillard pelo "sistema" que, sendo total, faz convergir para si todas as linhas possíveis, mesmo as de transformação, ou de resistência. Ao usar a noção de sistema Baudrillard acaba por reduzir o alcance da problemática do double bind a que faz apelo, já que dentro de um sistema único não há qualquer "brecha" ou diferir discursivo, ou prático. Ora, como mostra Bateson, o funcionamento do double bind só ganha sentido enquanto agenciamento de serialidades múltiplas, única forma de dar lugar ao reviramento metacontextual do "sistema - operação de contorno absolutamente essencial.

Quando falamos de "resistir" aos media isso não significa que não se reconheça a pertinência das críticas feitas por Baudrillard a posições como as defendidas por Hans-Magnus Enzenberger, que vivem na ilusão da democratização dos media através da transformação da estrutura da sua propriedade, de que derivaria uma alteração do "conteúdo", sobre o qual se centra as críticas dos teóricos da reificação (67). A contraposição de um "bom" conteúdo ao "mau" conteúdo, é inseparável da

.....

(66) - Baudrillard, Jean: op. cit., p. 131.

(67) - Baudrillard, Jean: "Requiem pour les media" in Pour une critique de l'économie politique du signe, Gallimard, 1972, pp. 220-229.

distinção forma/conteúdo, mas de tal modo que a forma é considerada como algo neutro. Todavia, essa distinção não tem pertinência dentro do diagrama abstracto dos media, dotados de força performativa própria. O que procurámos contestar foi a identificação dos media com esse diagrama abstracto, que releva do funcionamento do princípio da Identidade, e que fica intocado por uma crítica que se auto-anula, apresentando mesmo o "hiperconformismo" como uma estratégia de resistência. (68).

Para analisar a participação mediática na criação dos espaços de realização de identidade, é preciso conseguir perante eles uma distanciação que não pode assumir as formas de fascinação, e de denúncia apocalíptica, já que essa fascinação se repete num discurso da totalidade. A "realidade" denunciada e o discurso denunciador convergem para uma concentração discursiva que é preciso abrir resolutamente, para deixar ressoar outras séries tecnológicas, estéticas e políticas.

Sintomaticamente as posições apocalípticas dirigem-se contra os media de massas, como se toda a mediação se resumisse a estes, quando o que interessa questionar é o destino da linguagem (e das mediações) num mundo onde a aceleração electrónica tende a estabelecer as diferenças, onde qualquer intervalo, ou distância convergem à velocidade da luz para zero. "Resistir" significa antes de mais ir contra a convergência do discurso crítico com o diagrama abstracto que subtende os media, como parece ser a opinião de um pensador como Jacques Derrida que aceita uma actividade de "extensão e amplificação dos media, dos lugares de difusão e de edição,

.....

(68) - Apesar de tudo é concebível tal estratégia, mas o que é de estranhar é a importância decisiva que assume no discurso de Baudrillard.

principalmente pela sua transformação contra os monopólios, a homogeneidade e a apropriação". (69). Como é evidente não se trata simplesmente de substituir um poder por outro, nem mesmo por um anti-poder, hipótese mais radical, mas de criar espaços de im-poder, intersticiais, possíveis apenas na fragmentação das grandes figuras do Poder, nomeadamente a mais abstracta de todas: a da Identidade.

A fragmentação das figuras do Poder joga-se a todos os níveis da experiência, não deixando de ter imediatamente efeitos políticos, cuja análise exigiria o desenvolvimento do que deixámos aludido sobre a noção de experiência complexa de desvio, de tal modo que esta seja compreendido segundo uma dupla via: enquanto identidade negativa, isto é, oposta a dadas estratégias de Identidade que se cristalizam, segundo um modelo de alargamento concêntrico a todos os espaços sociais, até à abolição das diferenças e dos restos.

Tudo isso implicaria a necessidade de pensar o movimento de estruturação de experiência do desvio, dentro da inscrição dos media no espaço social, no seu relacionamento à esfera de dominação, de modo a pensar-se a possibilidade de existência de uma multiplicidade de espaços impossíveis entre si, mas atravessados por máquinas estéticas, políticas, técnicas de todo o género, sempre em composição mosaica, mas onde certas figuras são mais "persistentes" que outras. Tal persistência enquanto estruturação é um factor de ordem, e também de dominação, tendendo para o afastamento daquilo a que Hannah Arendt denomina "o estranho entre-dois". (70).

.....

(69) - Derrida, Jacques: Entrevista publicada no Jornal de Letras, 123, Nov. 1984, p. 4.

(70) - Arendt, Hannah: La crise de la culture, Gallimard, Idées, 1972, p. 19.

Porém, essa tendência é ao mesmo tempo o auto-posicionamento da possibilidade dessa "brecha", outro termo de Arendt, por onde outros diagramas se podem compôr, alcançar novas figurações, insistindo num resistir ao persistir.

William Burroughs escreve no livro Electronic Revolution que é preciso uma "arme à longue portée pour brouiller et infirmer les lignes d'associations posées par les mass media". (71). Não será um sinal (spur) dos tempos que Burroughs ainda escreva um livro, e precisamente sobre a "revolução electrónica"?

.....

(71) - Burroughs, William: Révolution électronique, trad. franc., Champ libre, 1974, p. 11. Leia-se também: "Le controle des mass media est assuré en posant des lignes d'association. Quand on coupe ces lignes, on brise les liens d'association". (id., p. 116). Esta questão tem de ficar apenas aludida, e nestes termos, que são devedores da reflexão de E. Rosa Oliveira.

SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Inserindo-se num curso de "Comunicação Social" onde se entrecruzam diversos campos disciplinares, e pela insistência de uma relação à sociologia, esta disciplina suscita uma série de exigências e dificuldades, ligadas à natureza de articulação da análise sociológica com os fenómenos da comunicação. A linearidade com que se justapõem os termos "sociologia" e "comunicação" tem muito de aparente já que no seu sincretismo ilude o problema das suas relações mútuas, e de pertinência dos instrumentos analíticos que utiliza.

Embora simplificando excessivamente, podemos considerar que a maioria das delimitações do "objecto" da sociologia da comunicação social podem resumir-se a dois procedimentos típicos: o sociologismo e o semiologismo. No primeiro caso o corpo organizativo dos media, empiricamente detectáveis, ocupa toda a cena analítica propiciando o uso de todo um acervo estatístico que se debruça sobre a sua propriedade, controlo social, efeitos, etc. A determinação da sua eficácia é feita em função de um plano explicativo unificado em torno de um dado paradigma sociológico reduzindo-se os "fenómenos de comunicação" ao campo de visibilidade instaurado por cada paradigma.

Por sua vez a segunda abordagem incide fundamentalmente na lógica específica dos media, encarando-os como extensões semiológicas do "homem", da "dominação social", etc., sobrevalorizando-os enquanto máquinas abstractas de comunicar, indutoras de uma violência simbólica inescapável.

Enquanto que os riscos de um determinismo sociologista são inerentes ao primeiro procedimento analítico, o outro implica um hipersimbolismo que torna indistintas as mediações que articulam os media, a discursividade mediática, às diversas estruturas sociais.

Com efeito, ambos os procedimentos acarretam uma opacidade que obscurece as modulações que os "fenómenos da comunicação" induzem na acção social e, ao mesmo tempo, inviabilizam a compreensão do suplemento de sentido que lhes advem dessa mesma acção. Daí que o eufemismo que definiria a disciplina em torno dos procedimentos dos sociólogos quando se debruçam sobre a comunicação, tem pelo

menos a vantagem de deixar em suspenso, provisoriamente, a apresentação de uma qualquer definição expedita, que acarretaria um fechamento da reflexão sobre este problema. Aliás, esse "fechamento" equivaleria mesmo a uma des-problematização, indesejável numa cadeira terminal do curso.

Estamos, portanto, perante uma disciplina de contornos muito fluídos, inevitavelmente ambígua, onde ganha força a crescente exigência de interdisciplinaridade, capaz de mobilizar para a nossa reflexão, os modelos e as linguagens das outras disciplinas, como sejam a semiótica, a pragmática, a história, a microssociologia, as sociologias do simbólico e do poder, cuja multiplicidade não deverá impedir que se alcance, selectivamente, uma compreensão transdisciplinar da(s) especificidade(s) do "fenómeno de comunicação", enquanto dimensão da acção social.

O programa desta cadeira equivale, portanto a um projecto aberto, capaz de articular os elementos densos da disciplina, com a fluidez e leveza com que são atravessados pelo acontecer da experiência social. Daí que decorra em dois momentos principais, a saber: em primeiro lugar, uma destrução analítica das teorias sobre a sociologia da comunicação social e, em segundo lugar, um seminário de investigação que faça apelo à problemática teórica confrontando-a com a situação concreta da cultura, conhecimento e comunicação nas sociedades actuais, nomeadamente na sociedade portuguesa.

Em cursos anteriores estudou-se o fenómeno de cultura nas sociedades modernas, bem como o problema da relação dos media ao discurso do desvio e da marginalidade. Neste ano lectivo iremos debruçar-nos sobre a crise cultural e política no espaço publico moderno, problemática central das sociedades contemporâneas, à procura do "nome que lhes defina o espírito que as habita" (Stirner). E muitos nomes surgem, como seja, "Sociedade de cultura de massas", "Sociedade intimista", "Sociedade do vazio", "Sociedades de Consumo", etc, etc. A lógica que subentende esta variedade de nomes" deverá ser analisada.

Com efeito, a complexidade crescente das sociedades reflecte-se de modos diferenciados nas estruturas de comunicação instiuidas, tanto ao nível

micrológico, como ao macrológico. Por sua vez essa institucionalização deve ser considerada de modo dinâmico, dando-se atenção à temporalidade específica de cada nível, à alteração permanente por que as formas de percepção e de recepção vão passando, bem como às suas relações mútuas.

Se é facilmente aceite a existência desses dois níveis dos fenômenos de comunicação, já o tratamento das suas interrelações está longe de ser pacífico. Sobre esta questão defrontam-se as mais diversas "teorias", nomeadamente as que consideram que o Estado e a sociedade civil ficaram totalmente soldadas pela instância de mediação por muitos identificada aos media (com a subsequente dominação pura e simples da sociedade civil pelo Estado), bem como as que discorrem ingenuamente sobre este problema, como se as relações entre o Estado, o socius e o espaço público de mediação não fossem problemáticas.

Esta conflitualidade das interpretações não é de estranhar, tendo origem justamente na complexidade das relações que se intrincam no que se pode denominar como espaço público de mediação. Daí que pareça pertinente a hipótese de que é precisamente nesse "espaço" que se produz e distribui a discursividade social, em processos complexos de interferências e retraduações. Dessa discursividade que funciona em termos dualistas, num binarismo do Poder, derivam todos os Discursos de legitimação e de crítica, num processo de auto-construção permanente, e que tem vindo a ser caracterizado como indutor de uma crise de legitimação das sociedades modernas.

Performativamente o espaço público de mediação opera simultaneamente uma doação de sentido, mas também uma difracção de sentido, assente na proliferação do imaginário dos discursos Públicos. Essa proliferação prende-se à crescente dominância das linguagens de comunicação, sistémicas e cibernéticas, numa dupla atopia, a de um desejo de transparência excessiva onde todas as autonomias desaparecem, e a de uma participação mística na opacidade das mediações, onde se "ontologizam" as relações, burocratizando-as.

A apresentação de nomes, para a classificação da situação social presente, não é portanto

algo neutro, fazendo parte da luta pelo poder de classificar, conferindo um funcionamento judicial à criação do socius pelo Discurso.

I. INTRODUÇÃO

1. Caracterização do modelo instrumental da comunicação
2. Suplementos ao modelo instrumental de comunicação
3. Crítica do modelo instrumental de comunicação
4. Síntese.

II. Análise de alguns paradigmas de sociologia da comunicação

1. A noção de paradigma e a sua utilidade para a teoria sociológica.
2. O paradigma funcionalista ("two step flow of communication") de Lazarsfeld.
3. O paradigma interaccionista de Goffman
4. O paradigma marxista de Habermas
5. O paradigma psicanalista de Legendre
6. O paradigma estruturalista de Bourdieu
7. Análise comparativa dos paradigmas de sociologia da comunicação
8. Síntese

III. Elementos para uma teoria sociológica da acção comunicacional

1. Sentido e acção comunicacional
2. Poder, violência e dominação na acção comunicacional
3. Legitimação e legitimidade na acção comunicacional
4. Pragmática da acção comunicacional

5. Síntese dos elementos de uma teoria da acção comunicacional, de um ponto de vista pragmático.

IV. Elementos de uma teoria do Espaço Público

1. O Espaço Público e o Inacabamento da Modernidade

2. O Espaço Público e a Ferida narcisista do Político

3. O Espaço Público e a era do vazio

4. O Espaço Público e a crise da mediação simbólica

5. O Espaço Público e o imaginário panóptico

6. O Espaço Público e a ordem do simulacro

7. Síntese

V. Aplicação: ao caso da crise da cultura modernidade e post modernidade

1º Momento: o caso Walter Benjamin

2º Momento: o problema da modernidade

3º Momento: é o post-modernismo uma falsa questão?

Síntese.

VI. BIBLIOGRAFIA

Como todas as bibliografias esta é necessariamente também selectiva, reflectindo as opções do programa da cadeira. Decidiu-se listar a bibliografia fundamental, a ser aprofundada e acrescentada ao compasso da exposição.

I INTRODUÇÃO

BAUDRILLARD, Jean, - Pour une critique de l'économie politique du signe - Paris, Gallimard, 1972.

2. DERRIDA, Jacques - Marges de la philosophie - Paris, Minuit, 1972.
3. ELIAS, Norbert - The history of manners, New York, Pantheon, 1978.
4. FISKE, John - Introduction to communication studies - London Methuen, 1982.
5. JAKOBSON, Roman - Essais de linguistique générale - Paris, Minuit, 1963.
6. McLUHAN, Marshall - Pour comprendre les media - Paris, Seuil, 1977.
7. SERRES, Michel - Hermes I, II, III, IV e V - Paris, ed. Minuit (resp. 1969, 1972, 1974, 1977, 1980).
8. WINKIN, Ives (org.) - La nouvelle communication, Paris, Seuil, 1981.

II ANÁLISE DE ALGUNS PARADIGMAS DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

1. BOURDIEU, Pierre - Ce que Parler veut Dire Paris, Grasset, 1983.
2. GOFFMAN, Erwing - A representação do eu na vida quotidiana, Petropolis, Vozes, 1975.
3. *HABERMAS, Jürgen - L'espace public - archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise, Paris, Payot, 1978.
4. *KATZ, Elihu e LAZARSFELD, Paul - La influencia personal - el individuo en el proceso de comunicacion de massas, Barcelona, Hispano Europea, 1979.
5. *LEGENDRE, Pierre - Paroles poétiques échappées du texte: Leçons sur la communication industrielle, Seuil, 1982.

III ELEMENTOS PARA UMA TEORIA SOCIOLÓGICA DA ACÇÃO COMUNICACIONAL

1. ANSART, Pierre - Idéologies, conflits et pouvoir, Paris, PUF, 1977.

2. BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas - The social construction of reality, London, Penguin, 1975.
3. BERNSTEIN, Richard - The restructuring of social and political science, London, Methuen, 1979.
4. BOURDIEU, Pierre - Le sens pratique, Paris, Minuit, 1980.
5. CANETTI, Elias - Masa y Poder, Barcelona, Muchnik Editores, 1981.
6. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix - Mille plateaux, Paris, Minuit, 1980.
7. DURKHEIM, Emile - A divisão do trabalho social, Lisboa, Presença, 1977.
8. FOUCAULT, Michel - L'archéologie du savoir, Paris, Gallimard, 1969.
9. FOUCAULT, Michel - Surveiller et punir, Paris, Gallimard, 1975.
10. HABERMAS, Jürgen - Raison et légitimité, Paris, Payot, 1979.
11. LOUBSER, Jan J. et all. - Explorations in general theory in social science (2 vol.), New York, The Free Press, 1976.
12. LUHMANN, Niklas - Potere e codice político, Milão, Feltrinelli, 1982.
13. LYOTARD, Jean François - Le Différend, Paris, Minuit, 1983.
14. MAFFESOLI, Michel - La violence totalitaire, Paris, PUF, 1979.
15. PROSS, Harry - La violencia de los simbolos sociales, Anthropos 1983.
16. SEARLE, John - Sens et expression, Paris, Minuit, 1979.
17. VERÓN, Eliseo - Ideologia, estrutura e comunicação, S. Paulo, Cultrix, 1975.

IV ELEMENTOS DE UMA TEORIA DO ESPAÇO PÚBLICO

1. BAUDRILLARD, Jean - Les stratégies fatales, Paris, Grasset, 1984.
2. FOUCAULT, Michel - "Vigiar e Punir", Petrópolis, Vozes, 1977.
3. HABERMAS, Jürgen - L'espace publique, Paris, Payot, 1978.
4. LIPOVETSKI, Gilles - L'ère du vide: essais sur l'individualisme contemporain, Paris, Gallimard, 1983.
5. QUERE, Louis - Des miroirs équivoques: aux origines de la communication moderne, Paris, Aubier, 1982.
6. SENNETT, Richard - The Fall of Public man, London, A. Knopf, 1976.

V APLICAÇÃO: AO CASO DA CRISE DA CULTURA - MODERNIDADE E PÓS MODERNIDADE

1. ARENDT, Hannah - A condição humana, S. Paulo, Forense, 1981.
2. BAUDRILLARD, Jean - A l'ombre des majorités silencieuses ou la fin du social, Paris, Utopie, 1978.
3. BENJAMIN, Walter - Essais I/II, Paris, Denöel, 1984.
4. BENJAMIN, Walter - Charles Baudelaire: un poète lyrique à l'apogée du capitalisme, Paris, Payot, 1982.
5. BENJAMIN, Walter - Il drama baroco tedesco, Milao, Einaudi, 1982.
6. ECO, Umberto - Apocalípticos e integrados, S. Paulo, Perspectiva, 1973.
7. HALEBSKY, Sandor - Sociedades de massa e conflito político, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
8. HOGGART, Richard - As utilizações da cultura, Lisboa, Presença, 1975.

9. HORKHEIMER e ADORNO - Dialectique de l'Aufklärung, Paris, Gallimard, 1983.
10. HUSSERL, Edmund - La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale, Milão, II Saggiatore, 1983.
11. MARCUSE, Herbert - El hombre unidimensional, Barcelona, Barral, 1969.
12. MERQUIOR, José Guilherme - Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
13. RIESMAN, David - A multidão solitária, S. Paulo, Perspectiva, 1971.
14. RODRIGUES, Adriano D. - O campo dos media, Lisboa, A Regra do Jogo, 1984.
15. ROSITI, Franco - História y teoría de la cultura de massas, Madrid, Gustavo Gili, 1980.
16. SCHORSKE, Carl E - Vienne Fin de siècle: politique et culture, Paris, Seuil, 1983.
17. SWINGWOOD, Alain - O mito da cultura de massas, Rio de Janeiro, Interciência, 1978.
18. STIRNER, Max - L'Unique et sa propriété, Lausanne, L'âge d'Homme, 1972.

DOCENTE: José Bragança de Miranda

